



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

A história de uma amizade

Artur Teodoro de Matos 

Como Citar | How to Cite

Matos, Artur Teodoro de. 2002. «A história de uma amizade». *Anais de História de Além-Mar* III: 497-498. <https://doi.org/10.57759/aham2002.47000>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

Foi há pouco mais de trinta anos que conheci Luís Filipe Thomaz na Faculdade de Letras de Lisboa. Era aluno do seminário de História da Expansão Portuguesa, dirigido pelo Prof. Veríssimo Serrão. Tinha-me interessado pelos temas dos Descobrimentos e pretendia elaborar uma dissertação de licenciatura sobre os Açores. Havia lido recentemente um artigo de Maria Olímpia da Rocha Gil ¹ e pensava poder estudar o comércio açoriano no século XVIII. A minha proposta não mereceria a aprovação do director do seminário que, com alguma razão, me alertou para a indispensabilidade de trabalhar em arquivos açorianos, o que me era impossível, já que na altura era professor provisório do Colégio Militar. A sugestão de Veríssimo Serrão de trabalhar sobre o vice-rei Conde de Alvor, também não me agradava.

Luís Filipe Thomaz havia regressado de Timor onde cumprira serviço militar e sugeriu-me que trabalhasse sobre a história de Timor. Mas a documentação parecia não ser abundante e Humberto Leitão publicara já dois volumes com fontes inéditas, além das já editadas por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões Portuguesas no Oriente. Insulândia*. Ouvido o saudoso Padre Silva Rego, que louvou a iniciativa, alguma insistência de Luís Filipe Thomaz e a minha inclinação para matéria insular, levaram o director do seminário a consentir no tema da futura dissertação. Dado o conhecimento que Luís Filipe tinha da ilha e da sua história, como de todo o Extremo Oriente, desde logo se disponibilizou para me acompanhar nesse trabalho. Era a primeira vez que me lançava num estudo de investigação a sério, até porque tinha feito o curso em regime militar e sem a frequência habitual de aulas. Havia questões de metodologia a aprender, leituras e investigação a fazer. Dentro e fora da Faculdade as indicações foram sendo dadas por Luís Filipe Thomaz.

Logo surgiu alguma empatia. Leccionava na escola onde ele fizera toda a sua formação, era amigo de antigos professores seus e não tardou que nos encontrássemos na messe do Colégio. Além disso tinha raízes açorianas e estivera em serviço militar em Ponta Delgada. Algum tempo depois desco-

¹ «O porto de Ponta Delgada e o comércio açoriano no século XVII (Elementos para o estudo do seu movimento)» in *Do Tempo e da História*, Lisboa, III (1970).

briríamos que a minha futura mulher era sua amiga e também ele se encontrava ligado a Goa, familiar e afectivamente.

Acompanharia de perto a minha dissertação de licenciatura, lendo atentamente todos os capítulos, corrigindo e sugerindo alterações. Além disso pôs-me em contacto com especialistas de Timor, com quem muito aprendi – Ruy Cinatti e Mons. Jorge Barros Duarte – e com os quais tive o prazer de conviver até que Deus os levou.

Já na Universidade dos Açores convidaria Luís Filipe a colaborar na docência da nova licenciatura. E os nossos laços foram-se estreitando, ora em Lisboa, Ponta Delgada ou Goa.

Quando me transferi para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1983, ao elaborar o plano curricular do mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII), pensei logo em Luís Filipe Thomaz como responsável pelas disciplinas e seminário do Oriente. Vinculado à Faculdade de Letras, onde alguma convulsão e desconsideração ainda se faziam sentir, conseguir-se-ia a sua transferência para a Universidade Nova de Lisboa. Aqui inicia o magistério de posgraduação, sendo o principal responsável pela nova geração de orientistas portugueses. A sua amizade a especialistas franceses, como Geneviève Bouchon, Denys Lombard ou Jean Aubin, p. ex., seriam determinantes também na formação dessa nova geração. Quando em Macau lancei os mestrados em Estudos Luso-Orientais, contaria com a sua valiosa colaboração nas disciplinas de história asiática.

Nas diversas actividades que juntos desenvolvemos na Faculdade (no mestrado, no Instituto de História de Além-Mar e depois no Centro de História de Além-Mar) e fora dela (com especial relevância nos seminários internacionais de História Indo-Portuguesa) ao longo de quase duas décadas foi-se estreitando uma amizade fraterna e cordial, uma colaboração e inter-ajuda pautadas pela lealdade, respeito e sinceridade, que nunca conheceram desavenças, contrariedades, quesílias, invejas ou sequer mal-entendidos, tão frequentes nos nossos meios universitários. Estou certo de que esta amizade e solidariedade foram determinantes para as actividades que desenvolvemos e nos projectos que juntos construímos.

ARTUR TEODORO DE MATOS